

Introdução

Um tema recorrente nos Estudos da Tradução é o da visibilidade do tradutor. Afinal, é por meio da tradução que povos de países e línguas diferentes se comunicam, que aspectos culturais diversos se entrecruzam, que avanços técnicos e científicos são divulgados em várias línguas, e que obras literárias se fazem presentes nas mais variadas culturas. Não há como ignorar a onipresença da tradução no nosso dia-a-dia, dos impressos que acompanham vários produtos farmacêuticos e cosméticos a manuais diversos, além do que nos chega diariamente pela mídia. Os jornais, por exemplo, trazem notícias de agências internacionais, e o leitor mal se dá conta de estar lendo material traduzido. Álvarez e Vidal em “Translating: A Political Act” (1996) relembram que estamos vivendo uma época de comunicação de massa, num mundo em que as pessoas querem compartilhar o que há de mais recente nas diversas culturas, seja um filme, uma música ou um livro e que, por essa razão, a atividade tradutória se tornou cada vez mais necessária (p. 1). Apesar da notória necessidade da tradução, o tradutor é ainda muito pouco visível na sociedade.

Um teórico da tradução que se destaca em prol da campanha da valorização do trabalho do tradutor é Lawrence Venuti, que há muitos anos vem denunciando essa invisibilidade, tentando identificar suas causas e propondo formas de reverter o *status quo*. Para ele, a estratégia da fluência no texto traduzido, tradicionalmente utilizada na cultura tradutória anglo-americana, cria a ilusão de transparência, a ilusão de se estar lendo o “original” de uma obra e, não, uma tradução (2008: 1, aspas do autor). A invisibilidade do tradutor no texto traduzido, afirma o teórico, é responsável pela invisibilidade desse profissional na sociedade e a conseqüente má remuneração pelo exercício da tarefa tradutória. Venuti denuncia, assim, a estratégia da fluência e propõe, em seu lugar, a estratégia da resistência, ou seja, a de uma escrita que resista à fluidez, que deixe a marca do estrangeiro, que cause um certo estranhamento no texto traduzido, para que o leitor tome consciência de estar lendo uma tradução. Afirma que só assim o tradutor poderá se tornar visível.

Na cultura literária brasileira, a fluência é a marca por excelência de uma boa tradução. Constitui não somente uma expectativa por parte dos leitores, como um requisito por parte das editoras. Entretanto, a construção de um texto fluente na tradução não implica necessariamente a invisibilidade do tradutor. Alguns trabalhos já foram produzidos no Brasil questionando a estratégia proposta por Venuti de tornar opaco o texto traduzido. Em *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil* (2003), Lya Wyler aborda a questão da invisibilidade profissional do tradutor, atribuindo-a, entre outras causas, à falta de regulamentação da profissão e ao fato de a imprensa referir-se ao tradutor somente quando ele é um intelectual de prestígio (p. 18). O poeta e tradutor Paulo Henriques Britto, em “Two Meanings of Transparency” (2002), declara ser a transparência no texto traduzido a marca de uma boa tradução. Com isso, ele quer dizer que é a tradução fluente que ressalta a excelência do profissional da tradução. Britto discorda de Venuti quando este atribui a invisibilidade do tradutor à invisibilidade no texto traduzido e desenvolve, no artigo mencionado, uma reflexão sobre a transparência na tradução, que será apresentada na segunda parte do Capítulo 2 deste trabalho. Ivone Benedetti e Adail Sobral, em *Conversa com tradutores* (2003), apresentam a opinião de vários tradutores brasileiros, que se mostram defensores de um texto fluente como uma das características da tradução. Algumas dessas afirmações serão igualmente apresentadas mais adiante. Esse tema foi também brevemente abordado por Ângela Paiva Silva, na monografia “A invisibilidade do tradutor” (2007). Em seu trabalho, ela aponta fatores que contribuem para a invisibilidade profissional do tradutor que não dizem respeito à invisibilidade no texto traduzido. Dentre eles destaca-se a mobilização ainda incipiente dos tradutores, que precisam apoiar mais os órgãos de classe e ter uma atitude mais positiva em relação a sua profissão (p. 16). A questão da invisibilidade do tradutor é tema de um livro recente, *O escritor invisível* (2006), do português Jorge de Almeida Pinho, cujas ideias também serão discutidas mais adiante.

Diante da visão predominante no Brasil de hoje quanto à fluência ser a marca de excelência de uma tradução, minha proposta neste trabalho é a de defender e valorizar um outro espaço de visibilidade para o tradutor, o dos paratextos — prefácios, posfácios, introduções e notas — espaço este até o

momento pouco ocupado, a julgar pelo que se observa das edições brasileiras de obras traduzidas. Por meio de elementos paratextuais, o tradutor pode chamar a atenção dos leitores para as decisões tomadas durante o processo tradutório, revelar as razões de suas escolhas, enfim, reaproximar a teoria da prática. Visa, além disso, ressaltar a importância de se levar em conta que ambientes culturais diferentes requerem abordagens diferentes, que as teorias desenvolvidas em outros sistemas e situadas em outras realidades não devem ser aplicadas sem escrutínio, sem questionamento, sem ajustes à realidade da cultura receptora da tradução. Por fim, busca recuperar a importância histórica dos paratextos, que fez de prefácios e notas um importante lugar de expressão do tradutor. Até época recente, as teorizações sobre tradução se encontravam nos textos escritos pelos próprios tradutores a respeito de suas traduções.

A linha deste trabalho é, pois, a de tradutores que defendem a fluência no texto traduzido, ao contrário do que propõe Venuti, de se produzir um texto opaco, que “rompa com os códigos culturais da língua-meta” (1995: 42), com o objetivo de tornar visível o tradutor. Entretanto, a crítica desse teórico ao processo tradutório na cultura anglo-americana se justifica diante das circunstâncias observadas na produção e recepção de traduções nos sistemas culturais anglófonos. Por isso, é também proposta deste trabalho identificar o conceito de fluência que Venuti condena e contrastá-lo com o conceito de fluência na cultura tradutória brasileira, alicerçando, assim, a opção pelo paratexto como um espaço de visibilidade do tradutor.

Para ilustrar a importância histórica dos paratextos cito George Steiner (1975), para quem a história da literatura sobre tradução tem início com as reflexões feitas por escritores e poetas sobre sua prática tradutória em paratextos e metatextos, inauguradas com o famoso prefácio de Cícero, “*Libellus de optimo genere oratorum*” (46 a.C.). Em épocas recentes, continuam a ser observadas importantes reflexões teóricas em paratextos, como o prefácio de Walter Benjamim, “A tarefa do tradutor”, publicado em 1923, que adquiriu vida própria e hoje serve de inspiração a estudiosos da área de tradução.

Esta pesquisa é informada pelo paradigma dos estudos descritivos da tradução, que tem sua fundamentação na teoria dos polissistemas, desenvolvida por Itamar Even-Zohar na década de 1970. Para os descritivistas, as estratégias

adotadas na atividade tradutória, a relação da obra traduzida com seu original e a posição que as traduções ocupam no sistema literário em que estão inseridas são fatos interconectados. Para este estudo, foi feita uma seleção de paratextos, prefácios, introduções, posfácios e notas, para serem analisados sob a ótica da teoria descritivista, que será apresentada no Capítulo 2. A Seção 2.1, em sua primeira parte, enfocará brevemente a teoria dos polissistemas, proposta por Itamar Even-Zohar (1990; 2005). A segunda parte dessa seção será dedicada à visão descritivista da tradução, em especial ao conceito de normas desenvolvido por Gideon Toury. Segundo Toury, a tradução é uma atividade governada por normas, e pela análise tanto da obra traduzida como das formulações semiteóricas sobre ela é possível inferir as normas que, em uma dada cultura, regeram uma tradução. Ainda segundo esse teórico, esse estudo permite observar aspectos recorrentes do comportamento tradutório, ponto focal da análise aqui apresentada. A Seção 2.2 destacará a visão de Lawrence Venuti sobre a questão da invisibilidade do tradutor, contrastada com opiniões de estudiosos da tradução sobre o conceito de fluência no texto traduzido. A Seção 2.3 encerra este capítulo, e nela será realçada a relevância histórica dos paratextos dos tradutores como fontes de considerações de ordem prática sobre a tradução em épocas em que se desconheciam estudos teóricos na área. Não cabe no escopo desta pesquisa a análise de traduções propriamente ditas.

O Capítulo 3 será voltado à análise dos ensaios prefaciais, introduções, posfácios e notas de tradutores que compõem o *corpus* desta pesquisa. Nessa análise serão enfocadas as formulações semiteóricas dos tradutores acerca do desenvolvimento de seu trabalho. Acredito ser possível por meio delas apreender aspectos da discussão teórica desenvolvida ao longo deste estudo.

Nesse capítulo serão também apresentados a metodologia adotada e os fundamentos teóricos da visão descritivista relevantes para a análise dos paratextos selecionados para esta pesquisa. O *corpus* de análise é constituído de sete ensaios prefaciais e notas, todos eles de tradutores que são também escritores ou poetas, intelectuais de prestígio na cultura literária brasileira. As obras prefaciadas são, em sua grande maioria, de literatura erudita, aquela direcionada a um público restrito, publicada por editoras de prestígio e traduzida por escritores, poetas e estudiosos especialmente escolhidos para a tarefa. A razão dessa escolha

deve-se ao fato de ser esse o tipo de literatura traduzida que, em geral, recebe um prefácio de tradutor. Entretanto, há um outro tipo de “literatura de qualidade sem ser erudita, acessível a um público amplo, publicada por boas editoras, contemplada por prêmios literários” (Martins, 2006), que costuma ser entregue a tradutores prestigiados. Propõe-se aqui que seja estendido a esse segmento de literatura, carente ainda das formulações semiteóricas do tradutor, a inclusão de um paratexto por ele produzido. Fazem parte também desse *corpus* três entrevistas realizadas pessoalmente com editores de casas editoriais do Rio de Janeiro. O objetivo dessas entrevistas foi saber o que pensam as editoras em relação à concessão de um prefácio ao tradutor. O número limitado de entrevistas se deve à dificuldade de entrar em contato com os editores. Alguns deles, por não disporem de tempo para um contato pessoal, ficaram de responder a perguntas enviadas por e-mail, porém não o fizeram. Ainda assim, para fins deste estudo, considero significativas as opiniões dos editores apresentadas neste trabalho.

O Capítulo 4 apresentará as considerações finais do presente trabalho, com o qual espero poder contribuir para o necessário debate a respeito da (in)visibilidade do tradutor.